



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

A TRADIÇÃO E A TERRA

CONFERÊNCIA PROFERIDA NA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO
NA NOITE DE 9 DE JUNHO DE 1924

Minhas Senhoras
Meus Senhores

Experimento a maior e a mais profunda emoção nesta hora. Acabo de ouvir palavras de generosidade e de beleza que infinitamente me comovem e impressionam e eu guardo, cheio de reconhecimento, no fundo do meu coração agradecido.

A' Sociedade Martins Sarmiento agradeço a honra do convite que me dirigiu e a nobre e fidalga hospitalidade que me concedeu.

Escolhi para tema da minha conferência desta noite *A Tradição e a Terra*; e tenho a maior satisfação de o enunciar e tratar perante uma tam distinta assembleia, que melhor que nenhuma outra o sabe definir e compreender no seu significado moral, porque nesta velha cidade até as próprias pedras dos monumentos têm uma voz enorme, que, com uma ressonância estranha, nos vem falar ainda da grandeza ennobrecedora da pátria antiga.

Esta terra, como esta casa, estão cheias de recordações. Vive-se aqui infinitamente na contemplação e no silêncio do passado, que o presente não teve o poder ou a coragem de destruir. Se abrimos a História, ela fala-nos da sua grandeza e do seu heroísmo; se conversamos com a sombra amorável dos seus mortos, ela avulta soberanamente ante nós a sua irradiação

imortal, e um doce perfume de espiritualidade, de simpatia e amor vem até nós e nos envolve.

E' que a vida, meus senhores, nada representa sem a lição e os ensinamentos da morte. Caminhámos continuamente à beira de túmulos amados; e ainda quando o esquecimento parece tomar o nosso coração, quando mais indiferente parece ser para nós a lembrança dessas existências, que se foi perdendo na agitação e no rumor dos nossos vãos cuidados; quando dos nossos mortos não resta já senão uma vaga e dispersa poeira, é ainda a sua sombra amiga que nos acarinhia e nos fala. E' o nosso sangue que proclama a sua imortalidade; é o nosso carácter que a cada momento nos recorda os assomos da sua coragem; é o nosso idealismo e a nossa religiosidade que ardentemente nos ensinam que se não perdeu a sua crença, nem se apagou a sua fé.

Infinitas camadas de mortos ajudaram a consolidar e a erguer a pátria heróica e sublimada de algum dia; e, sem o seu sacrifício extraordinário, sem a sua bravura indomável e a sua espiritualidade salvadora, nem ao menos teríamos conseguido poupar no naufrágio a língua que falamos, e que não é, por certo, a menor riqueza do nosso património.

Se dentro destas paredes há almas que recordamos com devoção fervorosa, se esta casa é simultaneamente um monumento e um santuário, é porque uma ideia pura aqui germinou antes que ela cravasse na terra os seus fundos e poderosos alicerces.

Todo o monumento, qualquer que êle seja, é sempre uma altiva afirmação de fé. As ideias nascem, a princípio, indecisas e vagas, propagam-se pela força da sua própria expansão espiritualista, e, subitamente, quando mal pressentimos o seu poder e a sua influência nas consciências, assistimos, assombrados e surpresos, à sua eclosão prodigiosa. E' o resultado da sementeira moral que a inteligência e a sensibilidade conseguiram operar nas almas. E' que as ideias e os sentimentos germinam como se fôsssem verdadeiros grãos de trigo. E sabeis também que alimentam os homens, como se fôsssem constituídos por moléculas da mais pura e sagrada farinha.

Não vou recordar-vos ociosamente a parábola do

Evangelho, porque sei como nesta boa terra se seleccionam as sementes e como os semeadores as sabem aproveitar.

Martins Sarmento ressuscita enternecidamente na sua obra; e as pedras que interpretou, as necrópoles que fêz abrir, os símbolos que o guiaram nas indecisões da pre-história e os destroços da vida antiga, que êle fêz exumar dos sepulcros do tempo, tudo isso se espiritualiza neste momento, para recompôr, feição por feição, a sua nobre e austera figura de pensador.

Sabeis como êle traçou n'Os Argonautas o quadro da antiga civilização do Ocidente, chegando a conclusões maravilhosas, auxiliado pela arqueologia e a linguística, estudando os castros, os dolmens e as memórias funerárias, e assentando definitivamente no predomínio da civilização ariana, a partir do século XV, antes da era cristã, para firmar, em bases indestrutíveis, os antecedentes lógicos de uma realidade histórica e social, que fundamentalmente interessa à nossa própria civilização.

Sôbre esta casa, que é e será sempre o seu melhor monumento, como sôbre a Citânia de Briteiros, — em que êle foi acordar um povo adormecido há infinitos séculos, — há de pairar sempre o seu génio tutelar, que a mais alta sciência iluminou e a vossa exaltada devoção piedosamente afaga e faz viver.

Mas, recordando o sábio arqueólogo e a sua obra, — que será perpétuamente o mais justificado orgulho da vossa terra, — outros nomes ocorrem que a justiça manda não esquecer, como êsse historiador profundo que se chamou Alberto Sampaio, o cronista das *«Vilas» do norte de Portugal*, que exauriu tôdas as fontes de informação, e realizou, pelo mais assombroso poder de síntese, essa estupenda investigação das origens da propriedade, que é simultaneamente um estudo económico e jurídico, indo até à fixação das superfícies agrárias da geira romana. E tudo isso para traçar, com rigorosa verdade, o quadro histórico da nacionalidade embrionária, mostrando como aqueles que quiserem conhecê-la não podem rasgar levemente os seus pergaminhos de família, e que a Pátria é, acima de tudo, um organismo moral, cuja alma se aviventa continuamente das pulsações, do interêsse e do calor da vida antiga.

Mas quero erguer ainda para a vossa saúde — e para a minha — essa nobre e simpática figura de intelectual, que foi João de Meira, o generoso e admirável rapaz em cujo cérebro a ciência e as letras tam completamente se harmonizavam, e que eu tive a fortuna — ou a desgraça, talvez — de contar entre os meus amigos e companheiros, na minha mocidade distante. Também êle soube conversar enternecidamente com a sombra dos nossos antepassados; e pode dizer-se que ninguém votou um culto mais ardente às tradições e glórias da sua terra, culto que cada dia se afervorava mais, que viveu docemente na sua fantasia de poeta, se comunicou às páginas dos seus livros e só esmoreceu na hora triste em que um destino misterioso mas cruel o levou prematuramente a descansar para sempre na piedosa ermida familiar *que o vidoeiro ensombra pela tarde*, perto dos campos fecundos que o seu olhar azul pacificadamente abençoou.

Já vêdes que trago no coração a saúde e o culto dos vossos mortos; e se não posso erguer a minha palavra à altura do assunto que escolhi, podeis ter a certeza de que ao menos a minha sensibilidade há-de, por vezes, confundir-se com a vossa, na evocação do espírito antigo, porque a tradição é a linguagem comovida das sombras, e o passado não é apenas uma vasta necrópole donde emergem arrefecidas cinzas, mas uma união fremente de almas que revivem e nos falam, como se a existência de hoje fôsse na realidade a mais bela e a mais fulgurante ressurreição do idealismo de outras eras.

E neste ambiente admirável de Guimarães, em que as pedras denegridas repetem a cada momento a epopeia medieval dos peões e dos cavaleiros, nós recebemos com amor a mais surpreendente, a mais pura e mais edificante lição da Pátria. Desde a torre quadrangular da Condessa Mumadona, viúva de Hermenegildo Gonçalves Mendes, conde de Tuy e do Pôrto, até à igreja de Nossa Senhora de Oliveira, que a mesma fidalga fundou e D. João I reconstruiu, em memória de Aljubarrota, ; que extraordinárias páginas se evocam, que profunda e alta revivescência de história, que prodigioso e emocionante quadro do viver antigo! E nada disso é inerte para os corações que sabem comover-se,

nada disso é morto para as almas que têm o miraculoso poder de dar vida e espiritualidade às cinzas arrefecidas dos mortos.

O culto da tradição, meus senhores, é uma necessidade moral para as nações que prezam a sua história e desejam ter uma personalidade. Se os estudiosos da vida extinta a desprezassem, de nada valeria a investigação dos factos sobre a linguagem muda dos documentos. Por isso, alguém a denominou «a memória da humanidade»; e Lacordaire, pretendendo acentuar bem que sem ela quebraríamos abruptamente a linha de continuidade subjectiva que prende intimamente as diferentes épocas entre si, chamou a tradição o laço do presente ao passado. E só dêsse modo a História pode tornar-se uma verdadeira ressurreição, no justo conceito de Michelet.

E até Proudhon, o irrequieto e irreverente Proudhon, que, com a sua lógica demolidora tantos erros espalhou no mundo, a considerou por instantes, para lhe chamar, com ironia acerba, a especulação sobre o futuro.

Não é, meus senhores, nos breves momentos em que venho tomar a vossa atenção, que irei tratar o assunto com a profundidade e o desenvolvimento que êle exige. Venho apenas conversar convosco sobre um problema em que perfeitamente nos encontramos de acôrdo, porque se todos sabemos ler e interpretar a História, se tiramos das suas páginas a lição de civismo que ela permanentemente ensina, só, na verdade, é variável o grau de emoção que ela consegue despertar nas almas que constituem a atmosfera moral de uma Pátria.

¡Desgraçados de nós no dia em que, tendo perdido de todo a rota da tradição, pretendêssemos criar, com original extravagância, uma alma nova em que não germinassem as puras sementes do idealismo antigo, e em que o vínculo dos sentimentos, mais que a cadeia dos factos, se interrompesse para sempre! Considerai apenas, meus senhores, os efeitos da catástrofe moral que uma tal orientação viria a ocasionar, porque nem a ciência, a religião ou o direito poderiam prescindir dêsse importantíssimo subsídio, que marca as bases essenciais e definitivas das mais sérias investigações.

Vós, que sois sinceramente religiosos e crentes, pensai, ao menos, na falta extraordinária que viria fazer à indestrutível harmonia da vossa fé a tradição como fonte originária do Cristianismo. Seria a quebra violenta de toda a continuidade moral, a destruição do Evangelho, a vida do grande Consolador mergulhada permanentemente em sombras, e a alma humana, tentando às escuras, absolutamente perdida na noite da mais irreparável tristeza e da mais inenarrável amargura.

Mas se a tradição foi a base essencial não só do Cristianismo mas ainda de todas as religiões reveladas, conheceis também o papel que ela representou na evolução jurídica e social do mundo romano e até de todo o mundo antigo. Foi ela que transferiu sob Justiniano a propriedade de todas as coisas possíveis; e ninguém desconhece que ela actua ainda, embora por forma menos intensa, nas instituições do moderno direito civil.

De resto, se a tradição, como a própria palavra nos ensina na sua originária etimologia latina, é a acção de entregar, de transmitir, de colocar para além, temos de reconhecer que tudo que nos chega de longe ou traz a marca dum passado, mais ou menos remoto, deve ser por nós estudado e enaltecido com amor.

Há uma profunda comunicação espiritual entre as várias idades da História. Os monumentos, ainda os mais obscuros, como os costumes e as artes mais humildes, ficam sempre como afirmações morais da existência das gerações que passaram.

Nem de outro modo seria possível a reconstituição das civilizações; e a própria linguagem, que se não estuda apenas nos documentos literários, mas atravessa as idades, evolucionando sob a acção de elementos poderosos de conservação e desenvolvimento progressivo, não pode apagar-se sob as camadas sociais que se vão sucedendo e desaparecendo no mundo.

Que significa, por exemplo, o trabalho de inúmeros homens de ciência, criando a pre-história, a arqueologia, a numismática, a linguística, a história da arte, a etnografia, o *folk-lore*, se não há no fundo desses estudos uma utilidade imediata de ordem social, uma nobre intenção educativa e a necessidade de arrancar o génio do homem à sombra das idades mortas,

para o fazer renascer em proveito dos seus sucessores?

Hoje, estuda-se pacientemente tudo o que se refere à vida e à actividade do homem sobre a terra, para reconstituir, quer a parte material do seu ser, quer a porção subjectiva da sua alma contemplativa, ansiosa e sofredora. E não é certamente inútil ou ocioso esse trabalho.

Sustenta Kelly, na sua obra *Indo-European tradition and folk-lore*, que Jacob Grimm foi o primeiro escritor erudito que mostrou a necessidade de recolher tudo o que fôsse possível, relativamente aos contos, aos costumes, aos modismos, às superstições e às crenças do povo; e isto porque reconhecia que, em volta de nós e na atmosfera moral que respiramos, há, na verdade, restos da antiga linguagem, dos pensamentos, da imaginação e até das crenças que passaram.

E eis porque o estudo da tradição é um processo muito interessante de análise e de revelação psicológica e social.

Max Müller escreve nos seus *Ensaio de mitologia comparada* o seguinte:

«Não há senão um caminho a seguir para que o estudo das tradições populares das nações arianas possa dar resultados satisfatórios. E' necessário, para cada conto, tornar a subir gradualmente até à forma mais primitiva, examinar e analisar esta forma, observando rigorosamente as regras da filologia comparada, e depois de se haver descoberto o fulcro, ou seja a concepção simples e original do mito, é conveniente ver como a mesma concepção e o mesmo mito se desenvolveram gradualmente, e como revestiram formas diversas sob o céu brilhante da Índia e nas florestas da Germânia.»

Chegamos deste modo a destacar a importância da tradição em todas as literaturas. Hoje, os mais sérios estudos de investigação e de crítica histórica dos documentos literários levam-nos a conclusões surpreendentes, que estabelecem uma linha de continuidade ininterrupta entre o presente e o passado, fixando, com o possível rigor, as grandes leis da hereditariedade moral e psicológica dos povos.

Teófilo Braga considerava como elemento novo,

original e característico nas literaturas modernas as tradições poéticas da Idade-Média, acentuando que ao lado da corrente popular, que resumia as grandes Gestas medievais, se foram formando e desenvolvendo as Novelas de cavalaria. Esta consideração leva-nos a fixar o valor dos *Cancioneiros* e a destacar a profunda riqueza de imaginação e a incomparável beleza de arte, que se encontram em quasi todos os assuntos tratados no *Romanceiro* português.

O que valem as novelas de cavalaria na formação do espirito literário, sabem-no todos os que leram as suas páginas impressionantes e se detiveram a considerar o sentimento profundo do seu lirismo, a graça meiga da sua ingenuidade ou o estremecimento épico das suas evocações.

Garrett aristocratizou, com primores de linguagem, alguns dos mais belos modelos tradicionais; e, especialmente depois do dramaturgo glorioso do *Frei Luís de Sousa*, são inúmeras as tentativas para fazer reaparecer essa estranha e surpreendente florescência do espirito antigo, buscando no passado a lição, sempre viva, do sentimentalismo originário, que ainda neste momento aquece e ilumina, com tam suave luz e um tam puro calor, a alma lírica de Portugal.

O Sr. Afonso Lopes Vieira, um dos mais nobres paladinos da tradição nacionalista, acaba justamente de adaptar à linguagem de hoje, com um escrúpulo minucioso e paciente, que eu nunca me cansarei de louvar, o *Amadis de Gaula*, a admirável novela medieval em que Vasco da Lobeira, por sua vez trabalhando sobre a narração das proezas e aventuras do primeiro e modelar cavaleiro andante das nações peninsulares, na frase justa da senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, nos deu uma das mais formosas e surpreendentes sínteses do espirito cavalheiresco da Meia-Idade, estabelecendo a ligação subjectiva do espirito português com a sentimentalidade das lendas bretãs, que os trovadores anglo-franceses vulgarizaram, e vieram iluminar de poesia e de encanto a mocidade do rei D. Denis.

Na França, já anteriormente, se haviam manifestado com êxito análogas tendências de revivescência literária. Jacques Boulenger ressuscita com amor, numa forma de primoroso recorte moderno, os velhos

romances da *Távola Redonda*; e as lendas do *Santo Graal*, de *Merlin, o feiticeiro*, dos Amores de Lancelot do Lago, do Rei Artur e da sua Corte, de Galehaut, senhor das lendárias ilhas remotas, de novo se erguem na poesia maravilhosa do passado, que renasce. A França, martirizada e heróica, supliciada e engrandecida pela glória, quere, dêste modo, tornar a viver a poesia evocadora das velhas lendas e das memórias desvanecidas das idades mortas.

Há todo um problema literário, lingüístico, social e moral, no exame dos documentos que estabelecem a nossa filiação com o espirito antigo e nos conduzem ao reconhecimento integral da nossa própria personalidade. A fixação das leis orgânicas, que influíram na formação das literaturas contemporâneas, esclareceu, em grande parte, o valor da corrente tradicional e integrou o nosso país, pelo que respeita ao carácter subjectivo das suas criações, no organismo moral donde brotaram, com poderosa exuberância, as grandes obras poéticas do génio peninsular. Não há, pois, criações literárias definitivas que tenham uma feição espontânea. A linha de continuidade psicológica aparece nas mais iusignificantes manifestações em que intervém a actividade do espirito humano.

Tôda a revelação moral, na religião, na arte, na sciência, na literatura, é essencialmente o reflexo de uma precedência, bem marcada em um estágio anterior, que convém não desprezar nunca, se quisermos fixar com verdade os traços morais que definem a nossa origem e explicam a natureza da nossa própria mentalidade. Desconhecer essa precedência é rasgar os próprios pergaminhos de família, é inutilizar levemente os seus brasões, é ofender e repudiar a Pátria.

E' por isso que eu considero a tradição o laço indestrutível da nossa continuidade moral. Não quere isto significar que vivamos permanentemente na adoração dos feitos e heroísmos dos avós e esqueçamos que também devemos, com o nosso esforço, realizar alguma coisa de original e de produtivo.

Nós temos, meus senhores, esgotado já em demasia os recursos retóricos da glorificação da Pátria, e com êsse verbalismo estéril nos contentamos. E a História, feita de grandeza ou de miséria, é sempre o re-

sultado da conjugação de todos os esforços colectivos. Neste momento, quasi sem dar por isso, a nação está escrevendo mais um capítulo impressionante da sua História; e eu creio bem que o futuro nos há-de tomar severas contas dos erros que praticamos, e até mesmo da indiferença com que tantas vezes temos encarado os males e as angústias da Pátria.

Mas eu creio bem, meus senhores, que os períodos de decadência são sempre o resultado do esquecimento do espírito que anima e vivifica constantemente os organismos nacionais. E' por isso que os historiadores se não cansam de estudar sempre e em tôda a parte a alma antiga, como a natural precursora do espírito contemporâneo e a precedência lógica de todo o idealismo, que é a florescência mais bela, mais fecunda e mais forte do sentimento nacional. E' esse sentimento carece de ser revigorado com o amor e a exaltação mística com que Michelet, ao terminar a sua *História de França*, escrevia, com o êxtase de quem ajoelha perante um altar: «Em que estreita intimidade vivi contigo, ó minha querida pátria, durante quarenta anos! Trabalhava para ti; ia, indagava, voltava, escrevia! Em cada dia dava de mim tudo, talvez mais que tudo; no dia seguinte, encontrando-te à minha mesa, sentia-me logo fortalecido pela tua poderosa vida, remoçado pela tua eterna mocidade! Devorei infinitas amarguras... E, apesar de tudo, ó minha querida França, se foi preciso, para sondar a tua vida, que um homem se dedicasse inteiramente, passasse e repassasse muitas vezes o rio dos mortos — esse homem está consolado pelo que fêz, e agradece-to ainda. E a sua grande pena é... a de te deixar agora!»

Muito teríamos nós que aprender nestas palavras extraordinárias de eloquência e de sinceridade!

E vós, meus senhores, que justamente vos enaideceis do vosso lindo brasão, em que se desenha em campo de prata a imagem da Virgem, erguendo nos braços o Menino, que, por sua vez, nos mostra o simbólico ramo de oliveira, não careceis de modo algum de que vos ensinem a respeitar a tradição como a alma pura da terra e a lembrança indefinida dos vossos antepassados gloriosos.

Olhando os vossos monumentos, reconheceis que

as suas pedras se animam, para vos falar de epopeias que tiveram aqui o seu teatro, antes que a pátria se erguesse com um regimen independente na profunda cerração combativa da Idade-Média.

Onde hoje se estendem campos de cultivo ou pinheirais rumorosos, e onde actualmente ergueis com surpreendente actividade económica, as vossas fábricas e armazéns, chocaram-se violentamente em tropel os peões e os cavaleiros, antes que a Pátria definitivamente se desmembrasse do reino de Leão e o condado nascente se firmasse pelo heroísmo, a fidelidade e a honra dos combatentes de Portugal.

Conheceis perfeitamente a História, e não venho aqui para vo-la recordar. Não vou ensinar-vos também o romance tenebroso de D. Teresa com o conde galego, que levou os fidalgos a rodearem Afonso Henriques, e baterem intrêpidamente Fernando Peres de Trava e os seus aliados e a cobrirem-se de glória na batalha de S. Mamede, que se feriu a dois passos daqui, sôbre os campos da vossa terra, perpétuamente cobertos do fulgor que a lenda e a história comunicam às povoações que sabem conservar o culto dos seus maiores e erguê-lo como a melhor e a mais bela flor do seu heroísmo.

Vem de séculos a vossa nobreza de cidade heróica; e os privilégios e honras que vos concederam o Conde D. Henrique, D. Afonso Henriques, D. Afonso II e D. Manuel, nos forais com que a vossa fidalguia se documenta, dizem alguma coisa do valor com que de muito longe soubestes merecê-los.

Em tôrno do vosso castelo, que os séculos ennegreceram, passaram-se alguns dos mais extraordinários dramas da História nacional. Dentro e fora dêle viveram-se os mais supremos instantes de epopeia.

E, agora, que as suas muralhas foram lamentavelmente destruídas, ainda esse gigante, na mudez da sua estatura descomunal, erguido no velho monte *Latito*, é mais que uma página viva da história, é a própria alma secular da Pátria, com a beleza das suas tradições e das suas lendas, a comunicar connosco, a contar-nos a poesia emocionante das ruínas e a pedir-nos um pouco de respeito para as suas pedras, e porventura também uma oração e uma lágrima para a alma generosa e heróica dos que combateram com êle.

São os monumentos, meus senhores, que nos ensinam a evocar com amor *as grandes cinzas fecundas*, para me servir duma bela e justa expressão de Maurras.

Olhai a velha torre de Mumadona, de noite, e vereis, pela imaginação, todo o passado reviver, dentre o negrume das idades que foram. Vereis o povo inquieto correr às muralhas, quando o inimigo estava perto. Evocareis as vigias atentas, velando nas sombras, projectadas pela massiça fortaleza; a vida dos acampamentos rumorosos; e, quando a paz chegava, após os violentos recontros, a infinita serenidade do luar ungindo de benções as pedras sagradas que ajudaram a firmar a independência da nacionalidade e a glória suprema da Grei. Vereis, de dia, os campos fecundos, estendendo-se ao sol para além das raízes das muralhas, o trabalho enchendo de pão os celeiros dos nossos antepassados, as cruzeiras e as torres das igrejas, erguidas na doçura da manhã, abençoando a terra e proclamando a suprema glória de Deus. Porque, meus senhores, em Portugal nada se fez de grande que não levasse bem marcado e visível o signo da Cruz. Nos roteiros do mar e nas modernas avançadas do ar, no turbilhão das ondas e à luz das estrélas, hoje, como ontem, as epopeias de glória levam tôdas essa marca indestrutível e bendita. A cruz de Cristo, que sangrou nos mastros das caravelas de Cabral e de Bartolomeu Dias e foi a companheira de Vasco da Gama e de Duarte Pacheco Pereira, é a mesma que esmalta as asas dos aviões que demandaram o Brasil e dos que vão nesta hora a caminho de Macau, para que, em nome de uma tradição gloriosa, de novo se refizesse a história do nosso heroísmo antigo. E a Pátria venceu e engrandeceu-se, porque teve fé e confiou.

E' tam bela a atitude do cavador que se descobre e murmura uma oração ao toque das Trindades, quando a amargura do dia que morre põe na paisagem a sua nota emocionante de funda melancolia, como a figura de Nun'Alvares, o invencível guerreiro, ajoelhando em Valverde e pedindo ao céu a vitória, em nome da pátria, porque só verdadeiramente são grandes os que se nobilitam e exaltam, abdicando do seu orgulho e entregando-se confiadamente nas mãos de Deus! Por tôda a terra portuguesa as memórias glo-

riosas andam intimamente ligadas à poesia e à tradição enternecedora dos símbolos cristãos. Os guerreiros descansam nos seus túmulos de pedra à sombra das naves vetustas; e a expressão de serenidade das suas estátuas jacentes marca a atitude espiritual com que partiram, após uma trabalhada e penosa vida de combates, em que tudo fizeram, para que a Pátria fôsse mais forte, mais amável e mais bela.

Eu tenho um grande e piedoso respeito pelos velhos monumentos, a cujas pedras se prende sempre alguma coisa que escapa à nossa percepção material, mas que todos podemos sentir quando, para além d'elles, conseguimos ver a alma religiosa que lhes deu origem, e paira ainda, com emoção estranha, no ambiente em que florescem as lendas e revivem as crónicas passadas.

Por isso, dou sempre razão às palavras enternecidas de Ruskin, que aconselhava a conservá-los, para que as gerações pudessem suceder-se à sua sombra.

Escrevia assim, com sincera piedade e amor, o admirável esteta: «Nós não temos o menor direito de lhes tocar. Esses monumentos não são verdadeiramente nossos. Pertencem em parte aos que os fizeram e em parte às gerações de homens que nos vão seguir. Os mortos têm ainda um direito sagrado sobre elles. O fim para que trabalharam, a glória da perfeição ou a expressão dum sentimento religioso ou qualquer coisa contida nesses edificios e que elles quiseram que fôsse duradoura, nós não temos o direito de a apagar.» Assim, o culto dos velhos monumentos prende-se essencialmente ao culto dos mortos e à devoção do lar, porque os monumentos ou representem a perpetuação de feitos heróicos, ou sejam a expressão dum sentimento religioso ou dum condoído acto de amor, traduzem sempre uma nobre continuidade moral. Os monumentos são a linguagem objectiva das grandes emoções passadas, que se repetem no presente e se ligam ao futuro na intermínua sucessão dos tempos.

Incontestavelmente, o culto dos mortos — dos nossos mortos — deve ser uma das formas superiores da cultura e da educação nacionais. Começamos por venerar os que viveram connosco, nos comunicaram a vida, e, na efusão do mesmo amor, encheram muitas

vezes o vazio da nossa alma. E lembramo-nos dêles, exaltando-nos a nós próprios. Tôdas as saúdes do passado vêm penetradas da sua lembrança amorável. As festas e os lutos da família prendem-se essencialmente à sua existência; e os mortos, sagrados pelo nosso amor, ressuscitam assim dentro do coração por um milagre de infinita ternura. Isto significa verdadeiramente que êles não morreram na profunda emoção do nosso affecto.

Afirma Anatole France que uma das notas mais simpáticas de Paul Arène reside na graça melancólica e na tristeza voluptuosa com que êle se prende ao passado, tendo pelos mortos uma amizade doce. Assim, na sua obra, «as sombras dos antepassados flutuam como nuvens sôbre os dramas contemporâneos».

E' ainda o autor admirável do *Lys Rouge* que nos ensina que a lembrança dos mortos nos faz penetrar mais fundamente no coração das coisas humanas.

Goethe exaltava a memória dos antepassados em palavras de fúlgida beleza, que vou recordar: «Feliz aquele que se lembra com prazer de seus pais; que fala com alegria das suas acções e da sua grandeza aos estranhos, e experimenta uma satisfação íntima em considerar-se o último elo duma bela cadeia.»

Esta nota, meus senhores, é elevada e humana. E, ainda bem que a vida se continua indefinidamente, e que, na expansão moral de cada hora, nós vemos erguerem-se, com as lembranças enternecidas da terra, as almas queridas dos mortos que ajudaram a libertá-la e a engrandecê-la.

Aquele personagem do romance de Henry Bordeaux, cheio de carácter e elevação moral, que ofereceu o sacrificio da própria vida, pela honra do seu nome e pela salvação de um dos seus, formulou a mais nobre e extraordinária teoria da tradição, expressa na continuidade do património da sua casa, no respeito pela honorabilidade familiar, na solidariedade de todos na obra comum. Nas suas palavras estremecia tôda a velha tradição dos Roquevillard: a hereditariedade da honra, da probidade e da coragem, o amor da terra, a saúde dos mortos, a alegria íntima de quem se sacrifica por um ideal de grandeza e de tudo abdica e a tudo renuncia para o servir. Dentro

dessa teoria admirável cabe tudo o que de mais nobre existe no homem: — o ideal como expressão do amor, constantemente renovado para além da morte, e a lição de dignidade, perpétuamente renascida nas acções mais belas e mais heróicas. E' nesta excelente teoria moral que assenta o preconceito legítimo da fidalguia, que não é só de sangue, mas sobretudo de honra, de valor e de lealdade.

Os fidalgos que esquecem a tradição dos seus maiores e se contentam com a exhibição do seu anel brasonado ou dos pergaminhos que justificam a sua ascendência ilustre, sem cuidarem de que têm o dever de realizar pelos seus actos novos exemplos a transmitir às gerações que se lhes seguirem, quebram miseravelmente o elo da cadeia, que sômente pode manter-se intacta pela continuidade do exemplo e pela sujeição inalterável ao princípio da nobreza familiar.

Nas modernas democracias também poderia estabelecer-se e firmar-se o mesmo preconceito nobilitante, que acabaria por depurar o organismo nacional das inúmeras nódoas que o desonram e das máculas que o aviltam.

Infelizmente, meus senhores, na nossa combalida sociedade perdeu-se em grande parte o sentimento do equilibrio moral, e até os próprios negócios se ressentem por vezes dessa falta de respeito pelos ditames da honorabilidade na realização dos contratos. E é pênna, porque a fidalguia do carácter é melhor que a nobreza de sangue, e os pergaminhos nada são e nada representam se os não enaltecerem as boas acções.

Falemos sempre, meus senhores, com o maior respeito e devoção, daqueles que moral e intelectualmente foram grandes; e não esqueçamos que o culto pela sua memória é um permanente e edificante espectáculo de beleza, de dignificação e de fé!

Louis Bertrand, definindo a influência de Cartago na formação do pensamento religioso ocidental, escreve nas suas *Cidades de ouro*:

«Cartago foi para nós um berço e um lar luminoso. Seria um erro acreditar que o passado é abolido para sempre. Ele vive permanentemente em nós. A História continua-se na nossa carne e no nosso sangue, como no nosso espirito. Os dramas do passado

repetem-se no presente. O exágêro paradoxal dos românticos consistiu em concebêrem as almas de outrora como muito estranhas às nossas e levantarem, por assim dizer, uma barreira entre o presente e o passado, como se o tempo fôsse alguma coisa de material.»

Carecemos de repudiar como falsas e dissolventes tôdas as doutrinas que visem a destruir o carácter de continuidade moral, política e subjectiva das nações. A Humanidade pode viver na mais perfeita harmonia sem que as necessidades da sua conciliação briguem com os sentimentos de independência, que dão individualidade a cada um dos agregados nacionais e melhor definem o seu carácter.

As barreiras dos Estados só devem vencer-se para facilitar a existência social e económica, para contribuir humanitariamente para que os homens prestem uns aos outros uma assistência comum e ainda para que a vida moral e intelectual das nações indefinidamente se aperfeiçoe. Fora disso, que cada um conserve os seus pergaminhos de família, zele devidamente a sua honra e se esforce pela sua indestrutível e inalterável nobreza.

O humanitarismo, que repudia o sentimento de pátria e estabelece a anarquia moral das consciências, tem produzido já os resultados mais funestos. Esforcemo-nos por que êsses desgraçados resultados se não accentuem!

Eu disse que o culto tradicional do passado se liga essencialmente ao culto dos mortos e à devoção do lar. Nós dependemos profundamente da influência subjectiva dos nossos predecessores, como dependemos também dos trabalhos que êles realizaram. A civilização é mais obra dos mortos que dos vivos. Os monumentos, as instituições e as leis têm em si mesmos a parcela do esforço moral que êles empregaram, para que a nossa vida ficasse para sempre grata à sua generosidade, à sua bondade, ao seu desinteresse ou ao seu sacrificio.

Cícero dizia: «Os nossos antepassados quiseram que os homens que deixavam esta vida fôssem contados no número dos deuses.»

Eurípedes, referindo-se a Alceste, afirmava que o caminhante devia deter-se perto do seu túmulo,

murmurando estas palavras de piedosa e justa consagração: «O que neste lugar descansa é hoje uma divindade feliz».

Foi o culto dos mortos que fixou o homem à terra, deu estabilidade à casa, ergueu a ara dos sacrificios e fez da religião a base mais perfeita e indestrutível de toda a vida jurídica.

Foi analisando os costumes e as maravilhosas tradições do mundo antigo, que Fustel de Coulanges, um dos mais extraordinários historiadores da França contemporânea, escreveu: «A religião foi o elemento constitutivo da família antiga.»

Não vamos naturalmente, meus senhores, lançar-nos nas velhas práticas com que os hindus propiciavam os manes dos seus antepassados. Não vamos evocar os nossos predecessores com o simbolismo piedoso da *sraddha*, chamando-os à confraternização do fúnebre repasto. Não iremos também escolher cuidadosamente as preciosas madeiras aromáticas, para tornarmos o lume da pira santa mais intenso e mais puro. Mas olhemos inteligentemente a significação espiritual dêsse simbolismo, e vejamos como no mundo moderno se comprehende e interpreta a profunda e extraordinária influência dos mortos sobre os vivos.

No romance *L'Étape*, dizia um personagem de Bourget: «Como conseguem viver com os seus mortos os que não têm uma crença?»

Assistimos todos, neste momento, indeciso e doloroso, a uma extraordinária e profunda revivescência espiritualista. Ao passo que o egoísmo e a indiferença parecem ser as normas mais correntes do viver social em certas camadas soffredoras onde a inquietação e a amargura de cada instante redobram de violência, as almas procuram como remédio salutar o refúgio salvador de Deus. E não tarda que os mais indiferentes e os mais duros de coração acompanhem a onda mística que se levanta, para imprimir um novo e iluminado roteiro ao espirito humano, que já não pode aceitar os moldes grosseiros em que uma civilização negativa e tumultuária o quis lançar.

O estudo da história dos movimentos religiosos da Humanidade leva-nos por vezes a interessante cons-

tatações sôbre o sacrificio extra-humano dos que se consagram a um ideal de beleza e de renúncia, de espiritualidade e de fé.

Emile Gebhart refere na sua *Itália mística* a influência de uma remota tradição sôbre o ascetismo que levava os monges franciscanos a procurarem refúgio «nos bosques, nas estepes da campina romana, nas gargantas desoladas dos Apeninos, rezando e dormindo sob um tecto de canaviaes, esperando que um corvo, enviado por Deus, lhes trouxesse, como nos tempos lendários dos eremitas da Síria e do Egipto, o pão de cada dia.»

A reacção espiritualista que se manifesta e que vem acordar para a beleza das devoções nacionais mais puras o sentimento da Pátria, despertando tradições, tornando fecundas as lições da História e erguendo o heroísmo até à glorificação suprema da santidade, é uma lição de nacionalismo prático, enternecedora e comovente.

Ao passo que as almas insatisfeitas, repassadas de dor e cruciadas de amargura, se erguem para Deus, na melancolia de uma hora triste, que parece eternizar-se, o espirito retoma a sua liberdade natural, emancipa-se dos seus liames estreitos, e procura, na devoção de tudo o que tornou grande a ideia de Pátria, refazer a nação no sentimento indestrutível da sua dignidade, na grandeza dos seus ideais, na pureza da língua, no culto ardente e vitorioso do classicismo, fazendo cantar de novo os poetas de outrora, erguendo dos seus sepulcros de pedra as cinzas dos cronistas que inspiraram epopeias, e acordando a tradição, como quem, por meio dela, se põe a recordar amorosamente a história esquecida.

Ainda há dias, um ilustre jornalista francês, o Sr. Georges Guy-Grand acentuava, com perfeita verdade, que, na vida das sociedades, como na vida dos individuos, há elementos permanentes que constituem as bases indestrutíveis da civilização.

Não podemos quebrar violentamente os laços de ordem moral e jurídica, que, sob o ponto de vista social, formam essencialmente o *substratum* das nações. Nem de outro modo se compreendia que a história tivesse algum interesse para nós. O próprio estudo da

literatura e da evolução da língua nos fornece, como já vimos, os mais curiosos elementos para a fixação da nossa personalidade, levando-nos a reconhecer que não é possível desprezar os menores factores que intervieram na psicologia dum povo, temperando-lhe o espirito ou intervindo, mais ou menos directamente, na formação efectiva do seu carácter.

O mundo, meus senhores, é governado essencialmente por forças sobrenaturais. A sciência e a filosofia valem menos nos seus resultados do que a devoção e a fé.

Uma pátria vive sobretudo da conjugação íntima de todos os elementos que a formaram. Por isso, recordamos e veneramos com fervor as suas almas eleitas, quer tenham contribuido para aumentar a nossa herança de beleza, quer tenham ajudado a formar, no sacrificio e na dor, a alma colectiva da nacionalidade, porque, afinal, são os heróis e os santos, os guerreiros e os navegadores, os poetas e os artistas, os que afeiçoaram a pedra e os que poliram a língua, que prepararam o ideal a que religiosamente nos votamos, e fizeram dê-lo o lume vivo a que vai aquecer-se a alma confrangida da Pátria. E' que sem idealismo religioso não há independência moral, e as nações mal podem subsistir se lhes faltar esse indispensável elemento de coesão.

Foi o sentimento religioso que firmou a aliança de Portugal com Deus, e foi à sombra dela que se geraram epopeias e se prepararam prodígios. A crença embalou no berço a nação guerreira, quando ela mal despertava para a vida imortal do heroísmo; e a tradição foi estabelecendo a continuidade moral que deu à Pátria a sua expressão mais elevada.

Na cadeia interminável do tempo, o herói foi muitas vezes santo: Deus andava frequentemente com os combatentes em meio dos acampamentos. A cada vitória ganha correspondia uma recrudescência de fé. Era o milagre do amor, sublimando o milagre do heroísmo e da lealdade.

Gustave Le Bon, referindo-se ao predomínio da tradição na Inglaterra e à importância moral da sua disciplina religiosa, acentua como a falta dêsses elementos contribuiu para enfraquecer o carácter francês, prejudicando-o gravemente. E completa a sua opinião,

dizendo: «Uma nação pode subsistir algum tempo sem um ideal, mas a história ensina-nos que, nessas condições, ela não poderá durar muito. Um povo nunca pode sobreviver por muito tempo à morte dos seus deuses.»

Não é um erro pedirmos ao passado a lição de beleza moral que nos há-de guiar no futuro. Por maiores esforços que façamos, não conseguiremos nunca destruir os alicerces tradicionais que nos vêm de longe. Quantas vezes nos debruçamos sobre velhos e apagados documentos, buscando interpretar a alma obscura e misteriosa do viver antigo!

Restauramos com amor os vetustos monumentos, sobretudo as catedrais, esforçando-nos por lhes dar o seu primitivo significado de beleza e de espiritualidade. Deciframos pacientemente apagadas e delidas inscrições epigráficas; colecionamos a arqueologia e a indumentária, a etnografia e as indústrias regionais primitivas; e todo o nosso esforço se dirige a esclarecer e a fixar, com o problema das origens, o verdadeiro carácter da nossa individualidade como nação.

Sobre as telas de Nuno Gonçalves não reconstituímos apenas a história da nossa pintura primitiva: revivemos, por momentos, a epopeia das descobertas; convivemos com os homens rudes que deram realização ao sonho aventureiro do Infante de Sagres, ajudando a escrever com as suas próprias amarguras as páginas dolorosas da *História Trágico-Marítima*.

E a melopeia da *Nau Catrineta* foi composta, com certeza, por algum dos mareantes que, no tombadilho das caravelas, que iam à Índia ou demandavam o Brasil, viam a morte a cada instante, por entre o bramido da tempestade, — rôtas as velas, no desencadear da tormenta, partidos os mastros na convulsão dos ventos e das ondas, — ajoelhados, de mãos erguidas para o céu, pedindo fervorosamente a Deus o milagre da salvação:

*A minh'alma é só de Deus,
O corpo dou eu ao mar.*

Que almas extraordinárias eram essas, que ainda hoje as exaltamos enternecidamente na nossa devoção e as consagramos no nosso amor?!...

Estão cheias das suas obras a história e a lenda, e penetra-se fundamente do seu heroísmo a poesia da terra. A orla do mar, olhando os barcos que eles nos ensinaram a construir, o seu perfil trigueiro surge-nos ainda, anguloso e duro, acusando nas fundas rugas da fronte os cuidados e as inquietações de cada hora.

Os guerreiros, que ajudaram a cimentar a independência, e cujas memórias nós erguemos ainda na florescência pura do idealismo antigo, aparecem-nos quasi sempre na extática atitude de quem reza, por ter merecido a Deus a glória de ter tornado maior e mais amada a Pátria que lhes deu o berço e lhes serviu também de sepultura.

*

Regressar ao passado, viver do passado não é renunciar a todo o aperfeiçoamento, não é imobilizarmos na vida intelectual como na vida moral. É reviver um pouco espiritualmente a nossa vida extinta; é relacionarmos a hora que passa, inquieta e dolorosa, com os inolvidáveis momentos que nos fizeram grandes. As vezes, é evocar piedosamente a poesia das idades mortas, repassar épocas esquecidas que nos podem dar ainda excelente lição e conselho.

Nas fases de decadência aparece, como que por um instinto sagrado de defesa, o sentimento de ressurreição da vida antiga. *Os Lusíadas* têm sido mais de uma vez o nosso Evangelho cívico, quando nos consideramos abatidos.

Neste momento, voltamo-nos com amor para tudo o que é nosso. Ressuscitamos carinhosamente as indústrias regionais, cuja tradição quasi se ia perdendo. Cantam de novo os bálros palreiros sobre as almofadas crivadas de alfinetes; e os mais lindos modelos de rendas portuguesas surgem imaginosa e de labor terno, de enlêvo e de magia encantadora. E não sei se essa renda é apenas uma tecitura muito leve, em que o sonho flutua e se esgarça, ou uma florescência imaginosa de beleza alvorescente que nascesse de um cuidado de amor à beira do mar, e como ele fôsse fluante e branca como as suas espumas.

Em volta de nós os nobres e severos mobiliários

da Renascença, trazidos dos antigos solares, falam-nos amorosamente dos avós desaparecidos. E as arcas, as imensas arcas estilizadas do século XVII, conservam ainda a lembrança dos bragaes de linho, perfumados de alfazema, de rosmaninho e de maçãs camoësas, que serviram em anos distantes as bodas de família, e envolveram, com infinita doçura, o corpo dos doentes ou o cadáver dos antepassados que a antiga piedade amortalehou. O linho! ; Que encantador poema de ternura e devoção êle nos sugere! Em pequeninas leiras, à beira de regatos palmeiros ou escassos fios de água, a terra cobre-se lentamente da sua côr indecisa; e, à medida que se define melhor o fino tapête de esmeralda, a delicada flor azul ergue-se timidamente como um cuidado ansioso ou uma risonha promessa de amor. Vêm depois as espadeladas, as canções ao desafio, as danças de roda, os abraços trocados, os idílios e os romances rústicos, tôda a poesia da terra que prepara a família com os seus trabalhos de cada hora ou os dramas dolorosos da despedida e da ausência. E ninguém melhor que o minhoto sabe compreender as páginas encantadoras dêsses romances.

O linho é a riqueza da casa, a alegria dos namorados, a certeza do lar que se soube erguer pedra a pedra, ao lado do campo e da eira, do espigueiro e do lagar.

O linho é a garantia da família religiosa, a tradição amada da lavoura fecunda, da terra engrandecida no esforço do labor rude, que o amor abençoa e exalta.

; Vêde a doce velhinha que o vai enrolando e fiando na sua roca, contando os velhos romances de outrora, ou rezando piedosamente as suas devoções! Quem me dera que os nossos pintores se voltassem com amor para os idílios da terra, pintando êsses quadros, que eu tantas vezes tenho surpreendido nos casais humildes, e que com tanta elevação nos haviam de sugerir a piedade e a ternura da família provinciana, agasalhada nos seus casebres da montanha ou da planície, perto da igreja onde a cruz ergue os seus braços compadecidos e misericordiosos sobre os campos de fartura e de paz, ou do cemitério onde descansam em campas rasas os cavadores obscuros, que, através de infinitas gerações de crentes, foram arando a terra laboriosa-

mente, para que aos seus filhos e aos seus netos não pudesse faltar o pão.

; Inclinem-nos, meus senhores, com um grande sentimento de respeito e uma funda piedade enternecida sobre as mais belas, as mais puras e as mais doces tradições da terra e do lar!

; Respeitemos tudo o que nos venha falar com ternura e amor do passado, da glória que nos tornou grandes, e que, pelo milagre da crença infinda dos nossos maiores, realizou o prodígio gigante das nossas epopeias na terra e no mar!

; Deixemos dormir os guerreiros, os navegadores, os cronistas e os santos sob a cruz que êles tantas vezes trouxeram marcada no coração e que fez dêste povo humilde e pobre da beira-mar uma raça fadada para tôdas as aventuras e para todos os heroísmos! Foram êsses nobres antepassados que nos asseguraram, no sacrifício de seus feitos extraordinários, a Pátria forte e independente.

; Respeitemos-lhes, ao menos, a memória honrada e gloriosa, para que êles nos fiquem devendo a nós, que tantas coisas grandes lhes devemos, esta piedosa, humilde e obscura afirmação de amor!

JOAQUIM COSTA.